

Fragmentos do cotidiano dos espanhóis/galegos no Rio de Janeiro: contribuição cultural à sociedade carioca

Erika Sarmiento da Silva

Universidade de Santiago de Compostela

Nas seguintes linhas, tratamos de recuperar uma parte da história e a contribuição cultural dos galegos no Rio de Janeiro através de trechos que encontramos em diferentes obras bibliográficas, na imprensa e nas fontes orais. São somente fragmentos, momentos da história e da vida dos emigrantes que nos revelam de alguma maneira (às vezes, limitada) a sua participação na sociedade carioca por meio da arte e da ciência. Sabe-se que o Brasil é um país formado por emigrantes, que ao longo do século XIX e XX foram deixando seus sobrenomes nos livros, nos arquivos e nas ruas da cidade. Sua trajetória está diluída na própria miscigenação que originou o povo brasileiro. O fato de estarem silenciados e fragmentados pelos diferentes arquivos dessa imensa cidade que é o Rio de Janeiro, não significa que estejam ausentes do processo de construção social. Ao contrário, foram tantas as passagens e momentos presenciados por todos eles, que às vezes, fica difícil distingui-los entre a sociedade carioca. Cabe aos historiadores recuperarem essa memória histórica e revitalizar esse passado que representa nossas lembranças atuais.

Nessas páginas que apresentamos, não temos nenhuma intenção de descrever minuciosamente a vida de um único emigrante. Mesmo porque seria impossível. Primeiro porque já não temos acesso direto aos sujeitos históricos, as suas experiências e segundo, como o próprio nome do artigo sugere, nos deparamos com uma realidade fragmentada documentalmente, interrompida pelo silêncio dos protagonistas e pela ausência da própria história. A trajetória dos emigrantes, encontrada nos trechos e obras bibliográficas, nos oferece pequenas descrições de algumas personalidades que deixaram sua influência na sociedade carioca. Facetas curiosas da emigração, personagens que se dedicaram não só ao

enriquecimento pessoal, mas que também colaboraram com suas inquietações e projetos inovadores. Pessoas que, longe da visão romântica e aventureira, afincaram suas raízes em uma sociedade bem diferente, cuja realidade confrontava em todos os âmbitos com a Galiza rural. Passaram por um caminho de reconstrução pessoal e social. Competiram com outros portugueses, italianos e os negros alforriados da sociedade pós-republicana. Juntos com eles, moldaram as ruas do Rio de Janeiro, contribuíram para seu crescimento demográfico e sofreram as transformações políticas, sociais e culturais do final da escravidão (1888) e do começo da República (1889). Esses fragmentos recuperados nos guiam a uma primeira interpretação do papel da colônia galega no Rio de Janeiro, são histórias de emigrantes que economicamente se sobressaíram e de outros, que apesar de não constarem seus nomes nos livros e jornais cariocas, certamente participaram de forma anônima para que os seus patrícios encontrassem o “ouro americano”. Esses não estão esquecidos, simplesmente a sua presença é mais difícil de resgatar, o que não significa que os seus projetos e a sua memória não possam ser incorporados dentro da emigração galega como um todo.

Percorrendo o tempo: das igrejas às casas de ócio

“Rezam as crônicas que nas primeiras décadas do seiscentismo o espanhol Antonio Martins Palma navegava com seu navio para as Índias, ou delas retornava, quando uma tempestade o surpreendeu, ameaçando levá-lo para o fundo do mar, a ele e a sua mulher Leonor Gonzáles, que o acompanhava. Recorrendo no perigo à N.S. da Candelária, de que eram devotos em sua terra, prometeram levantar uma ermida em seu louvor no primeiro porto cristão a que chegassem sãos e salvos. Esse porto foi o do Rio de Janeiro, onde mal desembarcavam, cuidaram logo de cumprir o prometido (...) Ao certo, ignora-se em que ano eles construíram. Mas nos documentos oficiais já se falava em 1630 numa “rua” que vai para a Candelária”¹.

Aqui começa nossa história, junto com a de uma das igrejas mais importantes do Rio de Janeiro, localizada no centro da cidade, bairro comercial onde viveu e trabalhou nos pequenos comércios, bares e pensões, a maioria dos galegos que chegou na primeira e segunda emigração massiva. Seguramente, quando o espanhol Martins Palma ergueu a ermida por força da fé e da casualidade, não imaginou que no seguinte século, a partir do ano de 1775, o Bispo Joaquim José Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, com o apoio do Vice-Rei Marquês do Lavradio iniciariam, com a ajuda dos comerciantes mais ricos do Rio setecentista a igreja mais portentosa da atualidade.

“Eis aí, na igreja levantada sobre a ermida do Capitão Antônio Martins de Palma (...) um dos mais notáveis monumentos artísticos da cidade. Notável por dentro como por fora, em tudo quanto nela está contido, jamais se viu no Brasil tamanha profusão de mármore, e de tão variadas cores, todo ele modelado segundo os desenhos de Heitor Cordoville. Se, por um lado, carece das belas coisas das igrejas mais velhas, esculpidas por um Aleijadinho ou um

¹ GERSON, B., *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2000, p.74.

Mestre Valentim, sobram-lhe por outro as pinturas de Zeferino Costa, sobretudo nas da cúpula, que reconstituem os episódios relativos à sua fundação, vividos pelo navegante espanhol e sua mulher”².

Parece ser que o espanhol e sua esposa resolveram ficar no Rio de Janeiro. O prestígio dessa família estava demarcado pela localidade onde viveram suas futuras gerações e os postos de destaque que ocupavam na sociedade carioca. A filha do casal, Marta Filgueira de Matos, se casou com um tal capitão Álvaro de Matos e moravam no bairro de Botafogo, onde foi construída a casa da rainha espanhola de Portugal, Carlota Joaquina, no século XIX. Em Botafogo moravam as famílias mais abastadas que podiam se deslocar até o centro da cidade, onde se encontrava o comércio. O filho de Marta Filgueira e neto de Martins Palma era um vigário-geral, chamado Padre Dr. Clemente Martins de Matos, um dos primeiros moradores do bairro de Botafogo e “autor” do nome do atual Morro de D.Marta, antes chamado D. Marta Filgueira em homenagem a sua mãe.

Quando começaram as reformas urbanísticas do Rio de Janeiro nos inícios do século XX, muitos cariocas e emigrantes se deslocaram para as zonas do Flamengo e Botafogo, localidades próximas ao mar. O centro do Rio ganhou uma função meramente comercial, apesar de continuar vivendo ali uma grande parcela da população, incluídos os galegos menos favorecidos, que não tinham condições de viverem afastados dos seus locais de trabalho e pagarem os elevados alugueis da zona sul da cidade.

No século XVII, quando casualmente desembarcou o espanhol Antonio Martins Palma, a emigração europeia ainda não tinha sido “ativada” no Brasil. A sua história pertence a um caso isolado de europeus, viajantes ou navegadores, em sua maioria, que deixaram vestígios no Brasil colonial. A presença massiva dos galegos começou a ganhar força a partir do final do século XIX, com a chegada de emigrantes da província de Pontevedra e alguns concelhos ourensanos e corunheses.

Da religiosidade ao ócio

“Das coisas que provocaram grande curiosidade devem ser citadas o cosmorama da Rua do Ouvidor, canto da rua dos Latoeiros, de propriedade de um espanhol, exilado político. Essa casa de ilusionismo obteve, durante mais de três lustros, o mais retumbante êxito”³.

Acompanhando progressivamente a participação dos espanhóis/galegos na sociedade carioca, saímos do período colonial e entramos nos tempos do Império (século XIX). No trecho acima, encontramos mais um caso de emigrante espanhol, dessa vez anônimo, e como no exemplo anterior sem decifrar o lugar exato da sua procedência. Anônimo para nós, pesquisadores, mas certamente muito conhecido para os cariocas que viveram os inícios da fantasmagoria, das ilusões óticas, no que futuramente se transformaria no que

² GERSON, *Op. Cit.*, p.76.

³ MORALES DE LOS RÍOS, A., *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro, Universidade editora, 2000, p. 73.

hoje conhecemos como cinema. Não sabemos detalhes da sua vida, mas podemos imaginar, retrocedendo no tempo, o impacto que provocou os cosmoramas, essas máquinas que levavam luzes e imagens a todos os cantos do Rio, primeiramente cativando as elites e depois as camadas mais populares. Durante três décadas, esse espanhol, esse desconhecido para todos nós, propiciou entretenimento e foi um dos precursores da emigração espanhola/galega no Rio de Janeiro, a terceira mais importante depois dos portugueses e dos italianos. Ademais, o seu cosmorama estava localizado numa das ruas mais tradicionais do século XIX: a Rua do Ouvidor. Por ali passeava a elite carioca, as madames que iam comprar artigos de primeira linha nas lojas francesas. Era como uma galeria de luxo e de moda.

Com a chegada de D. João VI e a corte imperial no Brasil, em 1808, com a conseguinte abertura dos portos ao mercado internacional, os primeiros estrangeiros começaram a se estabelecer no Rio de Janeiro, principalmente os ingleses –detentores do comércio de importação– e os franceses, especializados em seda, chapelaria, objetos de moda e fantasia, jóias, cabeleireiros, etc⁴. A Rua do ouvidor passou a ser, além do centro da moda, a rua mais mundana, mas jornalística e literária, albergando muitas sedes de jornais ao longo do século XIX e salões de café onde eram travadas intensas disputas ideológicas entre republicanos e monárquicos. Durante 90 anos, até que abrisse a chamada Avenida Rio Branco no centro do Rio de Janeiro, a rua do ouvidor manteve a sua condição de líder.

“(...) de madrugada funcionando como uma espécie de esôfago da cidade, a dar passagem a carroças atulhadas de verduras, frutas e lenhas, e às vezes até a rebanhos de bovinos que se espantavam, pondo a gente a correr, a esgueirar-se pelos vãos das portas; das dez às onze servindo para a digestão dos seus comerciantes vindo de dentro das lojas, bem almoçados, para as cadeiras postas nas calçadas; a à tarde, das três às cinco, para a defilé da elegância e do espírito, do vício e da miséria também, numa promiscuidade fantástica de roda concêntrica de lanterna mágica, baralhando-se, confundindo-se...”⁵.

Percebemos no trecho acima que os espetáculos do “cinema primitivo”, as lanternas mágicas, faziam parte do cotidiano dos cariocas. O nosso anônimo espanhol estava muito bem localizado, na rua mais valorizada do momento, e teve uma visão de negócios bastante astuta. Captou as necessidades culturais da época em que vivia e de certa maneira inovou e colaborou para o início do entretenimento na sociedade carioca, muito antes que os cinemas abrissem suas portas, lá pelos anos de 1910.

A história das lanternas mágicas se iniciou justamente no século XIX, quando passaram a ser utilizadas intensamente nas residências e, principalmente, nas ruas, nos teatros e até em museus. Uma vez que as projeções ganharam a adesão popular, começaram a ser exibidas em construções precárias e quiosques improvisados nas ruas e praças. As elites do Rio, impregnadas pelos valores importados da Europa, começaram a se incomodar com a popularização da atividade nos bairros mais pobres da cidade. Alguns quiosques – os pequenos chalés de madeira e lona introduzidos no Brasil por imigrantes italianos, alemães

⁴ GERSON, *Op. Cit.*, p. 43.

⁵ GERSON, *Op. Cit.*, p. 51. O grifo é da autora.

e espanhóis e que começaram a ser armados nas festas populares promoviam também jogatinas, quase sempre perseguidas pela polícia⁶.

A alegria durou pouco. Em 1895, os cosmoramas foram proibidos, e no século XX, o prefeito Pereira Passos (1902/1906), responsável pelas radicais reformas urbanísticas do Rio de Janeiro, querendo transformar a cidade numa Paris sulamericana, mandou destruir todos os quiosques. As autoridades, para manter uma valoração positiva do conceito do trabalho, redefinindo a antiga ordem de sociedade colonial e escravocrata para uma capitalista e burguesa, exerciam mecanismos de controle social sobre as classes trabalhadoras. Muitas diversões populares estavam proibidas, pois davam a imagem de desordem e de desequilíbrio em contraste com a idéia de ordem e progresso que se queria construir no Brasil. As manifestações populares, de cunho cultural, sofriam a repressão da polícia e o desprezo das elites. A modernização, com valores importados da Europa, provocou não só mudanças econômicas, como também a desarticulação cultural em uma sociedade submersa em intensas transformações das suas atividades cotidianas.

Apesar das dificuldades de crescer em um país onde o mercado estava baseado na monocultura e na escravidão, sem praticamente apoio às inovações artísticas ou científicas, alguns emigrantes conseguiram vencer o bloqueio e sair adiante com seus projetos. O espanhol dono do cosmoroma da Rua do Ouvidor foi um deles e certamente conheceu outro, um galego, cuja trajetória pública foi bem reconhecida no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX: José Hermida Pazos. Se Hermida Pazos não era freqüentador das salas de projeções do seu patrício, pelo menos podia haver contribuído para que funcionassem os equipamentos. Explico-me: esse galego, procedente de Ponte Caldelas (Pontevedra), era dono de oficinas e armazéns de material ótico e instrumentos científicos. O material abrangia as mais diferentes áreas como matemáticas, astronomia, física, química e marinha. O artífice do negócio foi o português José Maria dos Reis, que no ano de 1847 iniciou seu trajeto fundando uma oficina de ótica. Décadas mais tarde, José Hermida Pazos, passa a ser sócio da casa. O reconhecimento nacional e internacional das oficinas foi tão grande, que ganharam numerosos prêmios em exposições dentro do Brasil e em diversos outros países. Numa sociedade rural e com abundante mão-de-obra escrava, esses dois emigrantes conseguiram inovar o mercado com a utilização de trabalhadores livres nas suas oficinas. Oriundos de países que não tinham na indústria sua organização produtiva principal, estes empresários eram um misto de comerciantes, artesãos, fabricantes e técnicos. Eles se distinguiam pelo esforço particular que empreendiam em suas oficinas.

As exposições possuíam um caráter pedagógico e ideológico. O primeiro ligava-se à questão da constante apresentação de novidades, de invenções, de novos meios de produção e de bens de consumo. As invenções possibilitavam também o intercâmbio de formação e de informações técnicas, assumindo um caráter de encontros interdisciplinares, uma vez que se intercruzavam experiências e amostras dos diversos campos do conhecimento, a presença de autoridades estatais e representantes da indústria, da ciência, pedagogia, artes plásticas, religião e tecnologia. Na parte ideológica, as exposições satisfaziam à necessidade social de comunicação internacional por parte da burguesia e a busca por uma representação pública dos seus valores que compensassem o predomínio

⁶ SARMIENTO DA SILVA, G., "O fascinante espetáculo de luzes e sombras", em *Nossa História*, ano 1, nº8, junho de 2004, Rio de Janeiro, pp. 56-60.

ainda vigente das representações ligadas à nobreza . Entre as diversas exposições oferecidas pelas oficinas na segunda metade do século XVIII está a exposição de Belas Artes no Brasil. A premiação recebida foi uma medalha de prata obtida na Exposição da Academia Imperial de Belas Artes, no dia 19 de fevereiro de 1965, pelos objetos de ótica, tais como luneta e óculos artesanais ricamente trabalhados. Os objetos de ótica eram os que recebiam os maiores elogios pelo seu acabamento e perfeição no trabalho manual⁷.

José Hermida Pazos seguiu o caminho do seu mentor e posteriormente sócio, o português José Maria, no que se refere à participação nas exposições, sociedades científicas, culturais e beneficentes da época. Não sabemos exatamente a data da sua chegada no Rio de Janeiro, mas provavelmente foi antes de 1860, porque em 1862, aos 33 anos, se matriculou no Hospital Espanhol e deduzindo por sua carreira profissional, de aprendiz a sócio da empresa, levaria vários anos para atingir o posto máximo. Figura importante na sociedade carioca, servindo durante mais de 10 anos nas juntas diretivas da Beneficência Espanhola, Hermida Pazos manteve contatos com setores da sociedade empenhados na busca de soluções teóricas e práticas que significassem uma maior projeção do país no caminho do progresso. Através do entrosamento com os representantes da elite cultural, ele mantinha a tradição das suas oficinas. Nas exposições tentava divulgar a extinção do trabalho escravo e conseqüentemente do incentivo à entrada de emigrantes. Seria este galego de Ponte Caldelas um pioneiro no seu concelho que incentivou e financiou a chegada de vários patrícios? Provavelmente sim, já que com o seu poder e prestígio, poderia facilitar a inserção sócio-profissional de vários vizinhos e parentes no mercado de trabalho carioca. O Concelho de Ponte Caldelas está entre os 10 municípios pontevedreses com maior índice de emigração a Rio de Janeiro. Nas matrículas da Beneficência Espanhola, fundada no ano de 1859, encontramos a participação de diversos patrícios dessa localidade pontevedresa nas primeiras décadas da instituição, quando a emigração galega no Rio de Janeiro ainda não tinha atingido uma importância como contingente numérico⁸.

Se os italianos e espanhóis controlavam as projeções do “cinema primitivo”, também encontramos as mesmas nacionalidades disputando concessões em outros setores de ócio da sociedade carioca: os frontões fluminenses. O chamado jogo da pelota ou jogo da bola, já popular na Argentina, moveu abaixo-assinados por parte dos sócios espanhóis Roque Pérez e Angel Ramírez e do italiano Antonio Prisarri no ano de 1891⁹. Abaixo descrevemos as cartas de ambos emigrantes:

“Ao cidadão Presidente da Intendência Municipal da Capital Federal”

“O baixo-assinado tendo a propósito de organizar nesta capital o Jogo da Bola (Juego de Pelota) tal qual existe nas províncias do Norte da Espanha e nas Repúblicas do Prata, vem perante esse ilustrada corporação solicitar licença para poder se realizado publicamente esse jogo, livre de todo imposto, criado ou por criar especialmente para este espetáculo, sujeitando-se embora

⁷ PITAS FREITAS FILHO, A., *As “officinas e armazém d’óptica e instrumentos científicos” de José Maria dos Reis e José Hermida Pazos (negociantes, ilustrados e utilitários em prol do desenvolvimento da ciência no Brasil)*. Relatório final de Pesquisa, Rio de Janeiro, Museu do Observatório Nacional/CNPQ, 1984, pp. 1-75

⁸ Arquivo privado do Hospital Espanhol do Rio de Janeiro, livros 1, 2 e 4.

⁹ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Licenças para diversões públicas. Códice 42-3-31.

as mesmas regras estabelecidas para o funcionamento de espetáculos públicos”. 2 de janeiro de 1891. Antonio Prissari

Ao cidadão Presidente da Intendência Municipal da Capital Federal

“Os abaixo-assinados, desejando estabelecer nesta capital Federal um divertimento público, adotado em todos os países da Europa e alguns da América do Sul, de jogos atléticos, que tendem a desenvolver o gosto pelos exercícios físicos, que bem sabeis, fazem parte de toda a educação, pedem-vos para esse fim, a necessária autorização para estabelecer um desses jogos denominados – jogo da Pella (...)”. Capital Federal 2 de maio de 1891. Roque Pérez e Angel Ramirez

No mês seguinte ao pedido de autorização dos espanhóis, em junho de 1891, a prefeitura já havia decidido quem deveria obter a licença para a construção do chamado Frontão Fluminense: o italiano Antonio Prissari. Não satisfeitos com a decisão, os espanhóis mandaram outra carta pedindo à prefeitura que denegasse a concessão, devido aos gastos iniciais que tiveram com a construção do edifício no centro do Rio:

“Roque Pérez e Angel Ramirez sendo obtido dessa Intendência licença para construir um Frontão na Praça da República, n° 51, destinado ao jogo da pella e tendo-vos posteriormente solicitado privilégio por três anos para esse fim, a vista das despesas que tem feito com a construção das obras necessárias, pedem-vos que vos digneis deferir aquela pretensão e que por esse motivo considereis de nenhum efeito a concessão dada a Antonio Prissari para a construção do Frontão Fluminense por ele solicitada¹⁰.”

Ao parecer, segundo uma carta encontrada junto com os pedidos de licença dos emigrantes, tanto os espanhóis como o italiano haviam recebido a concessão para construir o Frontão Fluminense. A decisão definitiva foi a favor de Antonio Prissari, que ficou responsável de levantar as obras em 24 meses e ter uso exclusivo do negócio. Somente depois de 2 anos, Pérez e Ramirez poderiam obter a licença. Não conseguimos encontrar nenhum documento posterior que indicasse a continuação do Frontão Fluminense pelos dois espanhóis. Existe a possibilidade de terem dirigido o negócio depois dos anos de licença adquiridos pelo italiano, principalmente porque já tinham o local e inclusive haviam iniciado a construção. Mas isso é algo que como tantas outras informações não podemos confirmar devido à falta de continuidade da documentação.

Curiosamente, num dos trechos do livro do já citado autor Brasil Gerson, *História das Ruas do Rio*, encontramos outro Frontão Fluminense, localizado na Rua Marquês do Lavradio, n° 104. Seria de um espanhol? Seria de um italiano? As instalações que no século XIX serviram para animar os cariocas, no início do século XX foram utilizadas para as mais diferentes atividades:

¹⁰ AGCRJ, Idem.

“Duas diversões esportivas que empolgavam os cariocas (...) levavam até ela as vastas multidões. Uma era a pelota basca, no Frontão Fluminense (...) onde se exibiam ágeis encestadores vindos da Espanha e de Portugal. No Velho Frontão, adaptado pela Sociedade Nacional de Agricultura, realizou-se em 1903 a primeira exposição brasileira de aparelhos movidos a álcool-motor, graças aos quais se pretendia resolver a crise da lavoura da cana-de-açúcar, reinante então no Estado do Rio e no Nordeste. Nela estava também a sede da Banda Luso-Brasileira, a mais popular dos fins do Oitocentismo, dentre as que tocavam em festas e bailes caseiros e a tipografia de Domingos de Magalhães, o primeiro a editar Coelho Neto. Em 1945 os comunistas instalaram nelas as oficinas de seu primeiro jornal “legal”, a Tribuna Popular (...)”¹¹.

Em São Paulo, o jogo da bola, foi uma atividade muito comum até os anos 30 do século passado. Os frontões, como os jogos populares proibidos pela polícia no Rio de Janeiro, também era visto como lugares de vício que só serviam para atrair bêbados e desordeiros. A cara escura da emigração, com a sua miséria e abandono batia de frente com a imagem positiva do emigrante trabalhador, culto e próspero:

*“(...) o español é considerado um vividor, xogador emperdenido, disposto a “torrar” diñeiro nos **frontóns xogando a pelota**, cheos de “ardor picaresco” que os levaba a falar de máis, contar valentias e que acabou sendo consagrada na expresión “espanholada”. O xogo da pelota foi algo común em São Paulo pólo menos ata os anos 30. Nos bairros e tamén no centro da cidade existiron vários frontóns, que promoviam torneos concorridos, a vulgar pólas innumerables propagandas e pólos artigos publicados na grande prensa contra esas “casas do vicio”, que atraían ‘bêbados e desordeiros’”¹².*

A imagem negativa dos emigrantes, numa sociedade, que ora incentivava a emigração, ora rechaçava a presença dos estrangeiros, com uma política imigratória ambígua, ganhou força ao longo das primeiras décadas do século XX, quando foi criada a lei dos indesejáveis, em 1907, aplicada com mais vigor a partir de 1920. Apesar de continuarem chegando emigrantes de forma massiva, de todas as partes do mundo, o Estado tentava controlar a entrada dos estrangeiros e o seu comportamento no cotidiano do país. As manifestações culturais eram reprimidas pela política da época, que tinha o objetivo de reforçar os valores fundamentais da ética do trabalho capitalista. Estava na moda as palavras como “desordeiros”, “vadios” e “promíscuos. A ociosidade, a vadiagem, é consequência da falta de uma educação moral; um indivíduo ocioso não tem responsabilidade, nem interesse de possuir o bem comum. A ociosidade era atribuídas às classes pobres e, por isso, devia ser prontamente reprimida. O trabalhador era vigiado e suas atitudes controladas para que a sua disciplina fosse não só no ambiente de trabalho, como também nos familiares e sociais. A imagem que se exigia do emigrante era a do

¹¹ GERSON, op. cit., p. 222.

¹² ANTUNES M. ACIEL, L. e MARTÍNES ANTONACCI, M. A., “Os españois en São Paulo: cultura, cotián e experiencias de vida”, en *Estudios Migratorios*, nº 3, xuño de 1997, p. 72. O grifo é da autora.

protótipo do trabalhador ideal na ordem capitalista, de um exemplo para o trabalhador nacional. O imigrante e a sua família deveriam estar sempre dispostos ao trabalho árduo e às condições difíceis de vida até conseguirem atingir a fortuna¹³. O que acontecia é que, além dos negros que buscavam se estabelecer numa sociedade não mais escravista, havia também os emigrantes pobres, que não conseguiam, devido às duras condições de um mercado de trabalho sem leis que os amparasse, dar essa imagem tão bonita e positiva do emigrante que “fez a América”. Os ambientes de sociabilidade que para os estrangeiros eram uma fuga das longas jornadas de trabalho, representavam, muitas vezes, para as elites, um espaço que difundia a imagem negativa do trabalhador.

Outros centros de ócio dos galegos compartilhados com outros emigrantes e também com os elementos nacionais, era o Centro Galego. Fundado em 1899 e extinto em 1940, na ditadura de Getúlio Vargas, essa associação foi o palco para muitas atividades teatrais e eventos carnavalescos. O teatro anarquista encontrou seu espaço nas sedes do centro Galego desde o início do século XX. Foi o lugar no Rio de Janeiro onde mais obras teatrais desse gênero foram representadas. Em 1903, o gráfico espanhol Mariano Ferrer, que trabalhava no *Jornal do Comércio*, fundou o Grupo Dramático de Teatro Livre na Associação dos Artistas Sapateiros, sendo o seu ensaiador e ator. Estreou no Centro Galego, em outubro do mesmo ano, duas obras teatrais. A esposa de Ferrer, a espanhola Carmen Ferrer, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil e junto com seu marido, a maior divulgadora do teatro amador. Os trabalhadores e operários galegos também tinham seu próprio grupo de teatro, chamado Grupo Teatral do Centro Galego, onde participava obreiros de diversos ramos e nacionalidades, como o português Luciano Trigo, carpinteiro da construção civil e afiliado à União dos Operários da Construção Civil. Sem querer entrar a fundo na questão do movimento operário no Rio de Janeiro, vale a pena ressaltar que a coletividade galega esteve implicada em diversas associações e encabeçando sindicatos. A participação pode ser menos significativa numericamente comparada ao movimento obreiro de São Paulo, mas não por isso deixa de ser menos importante. Os imigrantes dominavam os sindicatos mais poderosos e mais influentes na capital federal, incluindo o sindicato dos trabalhadores em construção civil, O Centro Cosmopolita e a organização dos trabalhadores de hotéis, bares e restaurantes. Esses dois sindicatos, cujos membros provinham principalmente de Portugal e Espanha, estavam à testa do movimento operário em sua fase mais ativa, 1917 a 1920, liderando greves e auxiliando a organizar os trabalhadores deslocados de seus sindicatos¹⁴. Muitos trabalhadores, através do teatro, da prensa e da publicação de livros, se manifestaram contra as injustiças sofridas pela sua classe e contra a repressão policial. Foi o caso de José Martins, um operário que em 1909 escrevia no jornal *A Lanterna*, de São Paulo e na *Guerra Social*, no Rio de Janeiro ou o de Nicolau Parada, um garçom, que fugindo da repressão policial do Rio de Janeiro, escapou para São Paulo e em 1922 ajuda a fundar e redigir o jornal “*A voz da União*”.

¹³ CHALOUB, S., *Trabalho, lar e botequim: vida cotidiana e controle social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1984, pp. 68-69.

¹⁴ MARAM SHELDON, L., *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, pp.19. Outras informações encontradas no artigo sobre os espanhóis e galegos anarquistas foi retirada dos volumes 1, 2, 3, 4 e 5 das obras de RODRIGUES, E., *Companheiros*, VJR ed., Rio de Janeiro.

Um dos problemas do Centro Galego do Rio de Janeiro, junto às autoridades brasileiras e entre os seus próprios sócios foi a questão da “diretoria vermelha”. As divergências internas entre os seus membros, formados pela ala “azañista” e pela ala dos nacionalistas foram parar nas mãos da polícia de Getúlio Vargas. Era demasiado perigoso em um país estrangeiro cujo governo era uma ditadura nacionalista, manter posições declaradamente esquerdistas e apoiar teatros de fundo anarquista. O final foi trágico: fecharam o Centro Galego em 1943¹⁵.

Mas antes das disputas esquentarem e as portas da associação fecharem definitivamente, o Centro Galego ocupou durante três dias as páginas da coluna *Sociedades Recreativas* do *Jornal do Brasil*. No dia 27 de julho de 1933 comemorou o “Dia da galicia”:

“Será um acontecimento social no seio da colônia hespanhola o festival artístico–dansante que esta agremiação organizou para sábado, 29 do corrente, comemorativo do “Dia da Galicia” e que superará, sem dúvida, aos dos anos anteriores para o que, a diretoria recentemente eleita organizada com novos elementos não poupa esforços para que guardem uma grata recordação da terra que foi berço de Curros Enríquez e Rosalía de Castro, e à qual pertencem a maioria dos espanhóis radicados nesta cidade”¹⁶.

A festa com todas as pompas exigia trajes a rigor para os cavalheiros e “toilette” de baile para as damas. Na programação, haveria dois eventos artísticos protagonizados por grupos do próprio centro: o grupo cênico e o conjunto coral do Orfeón do Centro Galego. As notícias da associação saíam num dos jornais mais importantes do Rio de Janeiro e tinha um lugar nas páginas das sociedades recreativas junto com as associações portuguesas.

As festas organizadas não estavam só relacionadas com temas galegos. Na mesma semana se realizou um evento vinculado à festa mais popular do Rio de Janeiro: o carnaval. Com o título “Homenageando a Princesa do Carnaval Itália Giorno. A suntuosa festa nos salões do Centro Galego” o evento foi patrocinado pelo *Jornal do Brasil*, e mereceu lugar de destaque na seção do dia 30 de julho de 1933.

“O maior acontecimento do mês de Agosto será, sem dúvida, alguma, a grande festa em homenagem à encantadora princesa do carnaval de 1932, Srta. Itália Giorno(...) Iniciativa que terá o nosso patrocínio, a grande festa, realizada nos suntuosos salões do Centro Galego proporcionará aos amigos de boas festas, momentos inesquecíveis¹⁷.”

Seguindo a folia do carnaval carioca, encontramos no começo do século XX uma prestigiosa família do Concelho de A Lama (Pontevedra) financiando o carnaval de rua e dos clubes, tão populares no Rio de Janeiro. Manuel Barreiro Cavanelas, o idealizador do asilo Recreio dos Anciãos, esteve unido a três símbolos da identidade carioca: o Barão de Drummond, o jogo do bicho e o carnaval. Cavanelas quando chegou no Rio de Janeiro

¹⁵ Atas do Centro Galego do dia 28 de agosto de 1927. Arquivo do Hospital Espanhol.

¹⁶ Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, 27 de julho de 1933. A ortografia não foi atualizada.

¹⁷ Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, domingo 30 de julho de 1933.

trabalhou vendendo bilhetes do jogo do bicho e seu patrão era nada menos que o Barão de Drummond, um homem empreendedor que edificou pontes, ruas e um jardim zoológico, de onde saiu em 1884 a idéia de criar o popular e também atualmente clandestino jogo. Drummond não cobrava entrada no seu Jardim, mas vendia cupons com nomes de animais e ganhava o prêmio do dia aquele cujo bilhete numerado coincidissem com o bicho exibido num quadro a cores e posto em movimento, num complicado e inovador mecanismo para a época. O jogo despertou tanto interesse que outros o imitaram na cidade, explorando—o de outro modo, porque o Barão o que queria com os lucros era apenas juntar dinheiro para enriquecer a sua coleção zoológica¹⁸. Mas o que tem a ver o jogo do bicho com o Carnaval? Na época dos Cavanelas seguramente quase nada, porque o jogo ainda estava se popularizando e era legal, mas coincidentemente, apesar de estar proibido nos dias atuais, continua vivendo clandestinamente com muita força nas classes populares e financiando o carnaval carioca.

Quando Cavanelas passou a ser gerente da loja de loterias do Barão, a sua ascensão econômica foi imparável. Os dois se tornaram muito amigos e o Barão pediu ao galego que colocasse uma casa de loteria na Praça Olavo Bilac, número 9. Anos mais tarde, com o progresso dos negócios, Cavanelas comprou todo o edifício. A partir daí abriu outros tipos de comércio como casas de luvas, comprou lojas, casas e vivia de rendas. O seu irmão Miguel que chegou no Rio posteriormente, quando Manuel Cavanelas já estava bem de vida, se dedicou a viver das rendas do irmão e também da folia carnavalesca do Clube dos Fenianos, a terceira agremiação mais antiga do Rio de Janeiro, fundada em 1869. Na primeira metade do século XX, os grandes clubes carnavalescos estavam no seu apogeu e se caracterizavam pela riqueza e o luxo dos seus trajes. Neles participavam pessoas de alto nível social e reconhecidas personalidades do mundo intelectual brasileiro e pesquisadores da história do carnaval, como Câmara Cascudo e Luiz Edmundo. Eram carnavais cheios de alegria, entusiasmo e humorismo que dominavam as ruas do Rio e revolucionaram essa grande festa, chegando a ser comparados com os carnavais de Nice e Veneza¹⁹.

Manuel Cavanelas foi um dos financiadores desse tipo de carnaval carioca. Enquanto um se divertia, o outro se divertia e também financiava o carnaval. Segundo as palavras do seu primo Manuel Moreira Barros:

*“O Cavanelas foi um homem que chegou a botar o carnaval na rua por conta dele, compreendeste? Naquele tempo lhe custou 80 contos, com 80 contos se compravam dois prédios na Rua do Ouvidor. Muito dinheiro. Para tu ver como era dinheiro, como é que tinha dinheiro”*²⁰.

As grandes sociedades, que se apresentavam exuberantes e lindas com seus carros alegóricos entraram em decadência a partir da década de 40. O desinteresse da mídia, a falta de apoio da comunidade, a mudanças de costumes e o encarecimento do material são algumas das causas que tornaram essas agremiações parte do passado.

¹⁸ GERSON, op.cit. pp.359.

¹⁹ ARAÚJO, H., *Carnaval. Seis milênios de história*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2000, pp. 167-273.

²⁰ Entrevista concedida a autora em outubro de 2000, com Manuel Moreira Barros; primo de Manuel Cavanelas.

Como cada ciclo migratório, com cada emigrante que chegava, a cidade ia ganhando outros tons, outro perfil. Os cosmoromas deram lugar ao cinema, a Igreja da Candelária permaneceu como um monumento histórico, os frontões deixaram de fazer parte das diversões populares e o Centro Galego já não existe. Resquícios de uma história que merece ser construída mais que com poucos fragmentos. Tentamos, em algumas páginas, dar coerência a uma história fragmentada, porém sólida, e nunca buscando isolar o emigrante da sociedade de recepção. A emigração não é um fenômeno isolado, os estrangeiros que participaram na construção do Brasil fizeram e fazem parte da história política, social e econômica desse país. A sua forma de pensar, de viver, atuou conjuntamente com a sociedade de adoção e não paralelamente a ela, o que não significou a perda de uma identidade de grupo. A contribuição e a interação dos galegos na sociedade carioca foi mais que evidente. Não sabemos se mais importante ou menos que outros coletivos, mas isso é o que menos nos interessa no resgate dessa história. Buscávamos momentos da existência desse coletivo que puderam marcar a sociedade carioca e o seu envolvimento no cotidiano da cidade. Fácil de percebê-los, difícil de encontrá-los. Os censos do Rio de Janeiro do começo do século passado já colocavam os espanhóis em terceiro posto como grupo estrangeiro. Mas somente essa informação não nos basta. Queríamos contar algo mais, onde estavam, o que faziam aqueles que chegaram quando seus parentes e vizinhos ainda estavam nas suas terras de origem. Os pioneiros deixaram sua história, a mesma que a história das ruas e da cidade do Rio de Janeiro.